

# BRASIL VERSUS PORTUGAL: UMA REFLEXÃO SOBRE A IDENTIDADE BRASILEIRA NAS GUERRAS MEMEAIS

**LARA FERREIRA DO VALE\***

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 20 jan. 2020. Aprovado em: 18 abr. 2020.

Como citar este artigo: VALE, L. F. Brasil versus Portugal: uma reflexão sobre a identidade brasileira nas guerras memeais. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 20, n. 1, p. 104-121, jan./abr. 2020. doi: 10.5935/cadernosletras.v20n1p104-121

## Resumo

As guerras são, em certa medida, responsáveis por moldar e modificar as culturas nacionais, e determinadas guerras são ocasionadas pela percepção de ameaça aos valores dessas culturas. No século XXI, esses conflitos passaram a ocorrer também na internet, sobretudo nas redes sociais, com o uso dos *memes*. Em 2016, Brasil e Portugal se enfrentaram na primeira guerra memeal. Este trabalho, com base nos estudos culturais de Jeffrey Lesser e Stuart Hall, discute como os *memes* divulgados nas guerras memeais entre Brasil e Portugal podem contribuir para uma análise da identidade nacional brasileira.

---

\* E-mail: lafeval13@gmail.com  
 <https://orcid.org/0000-0001-7967-2376>

## Palavras-chave

*Memes*. Guerra memeval. Identidade nacional.

“A falsificação ideológica que sugere que nós temos paz é pra gente continuar... é... mantendo a coisa funcionando. Não tem paz em lugar nenhum. É guerra em todos os lugares, o tempo todo” (Ailton Krenak).

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“A guerra da conquista ainda não acabou”, afirma o primeiro episódio do documentário *Guerras do Brasil.doc*,<sup>1</sup> ao se referir ao período de colonização do Brasil e, sobretudo, de perseguição aos povos indígenas e à restrição de seus direitos como um processo em andamento. Embora o contexto seja dispar, a recente escalada entre os Estados Unidos e o Irã, após o assassinato do general Soleimani (ATAQUE..., 2020), demonstra que, ainda que as guerras mundiais do século XX pareçam agora um eco de um passado distante, seu som continua a reverberar nos dias atuais.

Se o cenário político de 2020 suscitou o medo de entrarmos em uma nova guerra mundial, o cenário digital parece demonstrar que talvez nunca tenhamos saído dela. Com o avanço das tecnologias e a inserção da população mundial no ambiente digital,<sup>2</sup> qualquer notícia ou pronunciamento pode gerar uma disputa entre os mais de três bilhões de usuários ativos das redes sociais. No Brasil, o contexto das eleições gerais de 2018 ilustra como a guerra ideológica travada entre partidos políticos para obter vantagem na disputa pelos cargos do Executivo, sobretudo pela Presidência, gerou uma quantidade significativa não apenas de *fake News* (FAKE..., 2018), como também de *memes*.<sup>3</sup>

- 1 Dirigido por Luiz Bolognesi, o documentário *Guerras do Brasil.doc* é uma produção da Agência Nacional do Cinema (Ancine) composta de uma temporada com cinco episódios, de 26 minutos cada, que buscam revisitar determinados momentos históricos do Brasil. O primeiro episódio, mencionado neste artigo, discute a colonização do Brasil e a atual luta por direitos das comunidades indígenas, contando com as entrevistas das lideranças indígenas Ailton Krenak e Sonia Guajajara. No presente momento, o documentário pode ser encontrado na plataforma de *streaming* Netflix.
- 2 O relatório *Digital In*, promovido pelas empresas de marketing We are Social e Hootsuite, em sua versão lançada em outubro de 2019, afirma que 4.479 bilhões de pessoas utilizam a internet no mundo, das quais 3.725 bilhões são usuárias ativas nas redes sociais (KEMP, 2019).
- 3 Um dos *memes* mais famosos, derivado de uma notícia falsa propagada, a surgir durante as eleições de 2018 foi “Ursal”. Propagado pelo então candidato à Presidência Cabo Daciolo, a Ursal seria, nas palavras

Com uma origem que remonta à década de 1970, os *memes* são, de acordo com Richard Dawkins (2015), tão antigos quanto a ideia de cultura. Mais do que isso, *memes* são os agentes responsáveis pela propagação da cultura. Sem a existência desses agentes, determinados itens culturais podem entrar em extinção.

No Brasil, os *memes* são bastante populares, e parte de uma pesquisa acadêmica é florescente.<sup>4</sup> Além disso, os *memes* brasileiros são referências para outros países e para os próprios brasileiros como um marcador cultural da identidade nacional, ainda mais após ser declarado vencedor de três guerras memeais em 2016, além de outras que foram travadas nos anos seguintes.

Se, por um lado, podemos afirmar que a guerra física é responsável por apagar vidas e traços culturais que essas vidas ajudam a propagar, as guerras memeais travadas pelo Brasil podem, por outro, servir para disseminar descontentamentos e dar voz a eles que, no âmbito popular, foram acreditados como inexistentes. Novamente, embora estejamos discutindo contextos diferentes, é possível estabelecer uma ponte entre o que é afirmado no documentário e as constantes guerras memeais travadas entre Brasil, antiga colônia, e Portugal, seu colonizador.

Dessa forma, com o objetivo de analisar como a identidade nacional brasileira se modifica diante de interações com seu antigo colonizador e, em grande parte, responsável pela formação dessa identidade nacional, nas guerras memeais travadas entre Portugal e o Brasil, este trabalho apresenta e analisa alguns *memes* propagados na ocasião desses embates sob a ótica dos estudos de Jeffrey Lesser (2014) e Stuart Hall (2005).

## O SURGIMENTO DOS MEMES E SUA POPULARIZAÇÃO NA INTERNET

Embora os *memes* sejam mundialmente populares, é improvável que todo usuário de redes sociais saiba que a sua origem está atrelada aos genes estuda-

---

do próprio candidato, uma “Nova Ordem Mundial [...] A União Socialista das Repúblicas da América Latina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7ANqSdWvTlo>. Acesso em: nov. 2018.

- 4 As produções científicas que exploram o tema e os possíveis desdobramentos de seu surgimento e utilização na sociedade estão concentradas num projeto da Universidade Federal Fluminense, intitulado “#MUSEUdeMEMES”, que reúne referências bibliográficas sobre o tema. Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/>. Acesso em: abr. 2017.

dos pelo etólogo Richard Dawkins (2015, p. 330), responsável por cunhar o termo em 1976:

Mimeme provém de uma raiz grega adequada, mas eu procuro uma palavra mais curta que soe mais ou menos como “gene”. Espero que meus amigos classicistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme. Meme guarda relação com memória, ou com a palavra francesa *même*.

A aplicação do termo é explicada por Dawkins (2015, p. 330) com os seguintes exemplos:

[...] melodias, ideias, slogans, as modas no vestuário, as maneiras de fazer potes ou construir arcos. Tal como os genes se propagam no *pool* gênico saltando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, os memes também se propagam no *pool* de memes saltando de cérebro para cérebro através de um processo que, num sentido amplo, pode ser chamado de imitação.

Dawkins (2015) coloca o nosso corpo como uma máquina que não apenas serve para propagar os genes que garantirão a sobrevivência da espécie, mas que também existe para replicar e propagar *memes* que determinarão quais traços culturais devem ser passados adiante.

Em 1990, Daniel Dennett afirmou<sup>5</sup> que os *memes* se propagam, na maioria das vezes, sem que tenhamos conhecimento ou sem a nossa autorização. Para o autor, os *memes* são “uma espécie de vírus que carregamos em nossas cabeças”,<sup>6</sup> não havendo nenhuma obrigatoriedade de que esses vírus sejam bons. Sua principal função se resume a não causar danos ao corpo humano, ou seja, eles devem apenas garantir a sobrevivência da máquina de *memes* de forma que eles possam se replicar e, assim, garantir a própria sobrevivência.

A replicação desses *memes* não depende em absoluto da nossa autorização ou que sequer tenhamos consciência da falta dessa autorização. Dennett (1990) exemplifica como sendo um *meme* dessa categoria, com difícil chance de erradicação, o antissemitismo<sup>7</sup> e o racismo. A sua propagação se dá não

5 O artigo de Dennett (1990) foi posteriormente expandido e adicionado à obra *Consciousness explained*, publicada em 1991.

6 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=5fG-3f4f0hA>. Acesso em: jun. 2019. Apenas em inglês.

7 Dennett (1990, p. 129) usa como exemplo alguns *memes* gerais, já postulados por Dawkins, como a música e a escrita, e outros controversos, sinalizando-os como “inquestionavelmente perniciosos, mas difíceis de erradicar” como antissemitismo, vírus de computador e pichações.

porque há uma autorização expressa, mas porque, assim como os genes, os *memes* estão apenas a serviço de si próprios.

Enquanto alguns *memes* definitivamente nos manipulam para colaborar com a sua replicação, *apesar* de julgá-los inúteis, feios ou até mesmo perigosos para nossa saúde e bem-estar, muitos, se tivermos sorte, dos *memes* que se replicam não apenas o fazem *com* as nossas bênçãos, mas também *por causa* da nossa estima por eles (DENNETT, 1990, p. 129, tradução e grifos nossos).<sup>8</sup>

Assim como os genes, os *memes* dependem de uma máquina que os propaguem. Mas, diferentemente dos genes, os *memes* não dependem de corpos humanos para obter êxito em sua replicação. Dennett (1990) refere-se aos meios que podem portar e disseminar *memes* como *meme-vehicle*, na tradução literal, veículos de *memes*. Ou seja, *memes* existem porque seus portadores físicos continuam a existir. A destruição destes acarreta, por consequência, a destruição do *meme*.

A internet é, por excelência, o veículo de *memes* dos *memes* de internet. Com a sua popularização em meados da primeira década do século XXI, a internet adquiriu uma natureza colaborativa, mudando a forma como nos relacionamos com o que é produzido e veiculado. Nesse contexto, produtores de conteúdo e consumidores trocam de papéis constantemente. Para Jenkins (2009, p. 30), a natureza colaborativa se justifica a partir do momento em que “nenhum de nós pode saber tudo; cada um de nós sabe alguma coisa; e podemos juntar as peças, se associarmos nossos recursos e unirmos as nossas habilidades”.

Dessa forma, a definição do *meme* de internet, e a sua posterior diferenciação do *meme* de Dawkins, pode ser aproximada ao conceito de cultura da convergência defendido por Jenkins (2009). Shifman (2014) sugere “virar de ponta cabeça” o significado de *meme* atribuído por Dawkins e considerá-lo não apenas como uma ideia, mas também como um grupo de ideias.

[...] eu defino o *meme* de internet como: (a) um grupo de itens digitais que compartilham entre si características de conteúdo, forma e/ou postura, que (b) foram criados com consciência do outro, e (c) que circularam, foram imitados

8 “While some memes definitely manipulate us into collaborating on their replication in spite of our judging them useless or ugly or even dangerous to our health and welfare, many most, if we are lucky-of the memes that replicate themselves do so not just with our blessings, but because of our esteem for them.”

e/ou transformados pela internet pelos seus vários usuários. Essa definição revisada pode nos ajudar fornecendo explicações mais sutis dos significados e das possíveis implicações dos memes de internet (SHIFMAN, 2014, 41-42, tradução nossa).<sup>9</sup>

## A IDENTIDADE NACIONAL: A RELAÇÃO ENTRE BRASIL E PORTUGAL

“O Brasil não existiu, o Brasil é uma invenção. E a invenção do Brasil, ela nasce exatamente da invasão inicialmente feita pelos portugueses [...] num modo sem parar, onde as invasões nunca tiveram fim.” A asserção pronunciada pelo líder indígena Krenak no documentário *Guerras do Brasil.doc* vai ao encontro do pensamento de Hall (2005, p. 51, grifos do autor) ao afirmar que a identidade nacional é uma “comunidade imaginada”:

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. Como argumentou Benedict Anderson (1983), a identidade nacional é uma “comunidade imaginada”.

A história contada acerca do descobrimento não passa de uma narrativa compartilhada em que “eventos históricos, símbolos, rituais nacionais” ganham significado na narrativa da nação, construindo, de acordo com Hall (2005), a identidade nacional por meio da primordialidade, das invenções das tradições, do mito fundacional e, por fim, da ideia disseminada de um povo original ou um povo puro.

*A priori*, parece difícil conceber a ideia de um Brasil que gire em torno de uma concepção de “povo puro”, como a exemplo da Alemanha que se deixou dominar por ideias de superioridade raciais e de um “povo ariano puro”, no auge do *Terceiro Reich*, uma vez que a miscigenação foi incentivada pela própria Coroa portuguesa quando os monarcas deixaram o continente europeu e

9 “[...] I define an Internet meme as: (a) a group of digital items sharing common characteristics of content, form, and/or stance, which (b) were created with awareness of each other, and (c) were circulated, imitated, and/or transformed via the Internet by many users. This definition may help us providing more nuanced accounts of the meanings and possible implication of Internet memes”.

se estabeleceram no Rio de Janeiro, no século XIX. No entanto, de acordo com Lesser (2014, p. 34), a miscigenação brasileira e a imigração dos europeus considerados suficientemente brancos e, portanto, adequados, entre eles os alemães, foram incentivadas para embranquecer a população local, pois acreditava-se que os recém-chegados ajudariam “a formar outro mito da nacionalidade brasileira, o ‘país do futuro’, no qual a branquidão iria eclipsar a negritude”.

As definições de branquidão foram modificadas ao longo dos séculos, com japoneses ganhando *status* “do ser branco” e italianos e portugueses perdendo esse mesmo *status*, os últimos em virtude de seu relacionamento com mulheres de ascendência africana, na visão das elites brasileiras dos séculos XIX e XX, e se tornando os imigrantes indesejados para a formulação da nova composição étnica do Brasil do futuro.

Contudo, a relação entre portugueses e afrodescendentes não foi o único motivo pelo qual os portugueses se tornaram imigrantes indesejados. A entrada massiva de imigrantes portugueses, estimada, de acordo com Lesser (2014, p. 152), em quase 1,11 milhão entre 1808 e 1930, com suas condições financeiras, consideradas superiores em relação aos demais imigrantes e aos brasileiros, causou certo “ressentimento entre as classes média e trabalhadora, e o sentimento antiportuguês se tornou uma parte importante da nacionalidade brasileira”. Não obstante isso, a exemplo dos italianos, os portugueses também se envolveram com os sindicatos, o que, para a elite brasileira, ironicamente formada por pessoas com ascendência portuguesa, justificava a atenção negativa destinada aos portugueses.

Dessa forma, pode-se dizer que a relação entre Brasil e Portugal passou pelos polos de atração, com a entrada e preferência de imigrantes portugueses pela afinidade linguística, e repulsão, pelos motivos anteriormente citados. Como uma consequência disso, a identidade brasileira foi moldada de forma a aceitar e repudiar determinados grupos de imigrantes, como os portugueses, a depender do período histórico.

A identidade brasileira, então, passou a ser construída de tal forma que indígenas e afrodescendentes e, conseqüentemente, as suas histórias fossem descartados e considerados uma ameaça. Os novos imigrantes eram convidados a se instalar e a cultivar áreas consideradas despovoadas, pois, de acordo com Lesser (2014, p. 61), “os povos indígenas, ao que parece, não contavam como habitantes”. E o tratamento dispensado aos afrodescendentes, fossem eles escravos ou homens livres, fizeram com que os imigrantes preferissem manter distância para que não fossem considerados parte do mesmo grupo. As esco-

lhas do Brasil de então reverberam no Brasil atual, com o apagamento sistemático de vidas negras (CARVALHO, 2019) e indígenas (BRUM, 2014).

Esse apagamento passa pelos estágios figurativo e literal, com as histórias desses dois grupos sendo contada de forma que a responsabilidade pelo processo de colonização fosse atenuada e dividida entre portugueses e africanos e entre portugueses e indígenas, com as repetidas falácias de que “os africanos já escravizavam seus conterrâneos, portanto a escravização e o transporte através do Oceano Atlântico foi um processo natural” e com as afirmações de que “o genocídio dos povos originários das Américas se deu em vista de sua recusa em se tornarem escravos”. De forma satírica, essas falácias são revisitadas pelo canal Porta dos Fundos em alguns vídeos como “Descobrimento”,<sup>10</sup> “Colonização”<sup>11</sup> e “Escravidão”.<sup>12</sup> Pelo viés de um documentário, a questão do descobrimento e da escravização é explorada em *Guerras do Brasil.doc*.

A invenção do Brasil e, portanto, da identidade nacional brasileira passou por um longo processo de “Guerras de Conquista” que ainda estão em andamento. Para Hall (2005, p. 59-60):

A maioria das nações consiste de culturas separadas que foram unificadas por um longo processo de conquista violenta – isto é, pela supressão forçada da diferença cultural. [...] Cada conquista subjogou povos conquistados e suas culturas, suas línguas e tradições e tentou impor uma hegemonia cultural mais unificada.

As guerras memeais entre Brasil e Portugal acabam revisitando a relação entre colonizado e colonizador e atribuindo ao mito fundador da nação novos significados.

## AS GUERRAS MEMEAIS: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Em 2016, teve início o que veio a ser conhecido como primeira guerra memeal. Na ocasião, o Brasil se envolveu em uma contenda com Portugal no Twitter. O conhecido *meme*, popularizado um ano antes, “*In brazilian portu-*

10 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S9UTFKPyTMs>. Acesso em: jan. 2020.

11 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ViIBcsGdYDM>. Acesso em: jan. 2020.

12 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SSsEgDLsSrk>. Acesso em: jan. 2020.

*guese we don't say*”, cuja tradução literal seria “No português do Brasil nós não dizemos”, foi utilizado pelos portugueses como “*In Portugal we don't say*”, sendo sua tradução “Em Portugal nós não dizemos”. A apropriação indevida<sup>13</sup> do *meme* foi considerada como plágio, ou também como um roubo, pelos brasileiros, iniciando, assim, a primeira guerra meméal.



**Figura 1** – Meme “*In Brazilian Portuguese you don't say*”.

Fonte: <https://twitter.com/nextlevelrodri/status/564967985874739200>.

Após a contenda, da qual o Brasil saiu como vencedor, duas outras guerras meméais se seguiram: a segunda guerra meméal contra a Argentina e a terceira<sup>14</sup> contra a Espanha, todas devidamente acompanhadas pelas *hashtags* #PrimeiraGuerraMemeal, #SegundaGuerraMemeal e #TerceiraGuerraMemeal. Já em julho de 2017, o Twitter foi palco de outra guerra meméal envolvendo o Brasil e a Coreia do Sul, que acabou envolvendo países como o México e os Estados Unidos. As *hashtags* que acompanharam a essa contenda foram #DoyouwantKorea, #DoyouwantBrazil e #DoyouwantUSA.

Em junho de 2018, na ocasião da Copa do Mundo da Rússia, Brasil e Portugal voltaram a se enfrentar em outra guerra meméal, após os portugueses decidirem, como em 2016, copiar o *meme* disseminado pelos brasileiros. Poucos dias antes do evento esportivo, os brasileiros lançaram um novo *meme* em que personagens de animes usavam adereços com as cores da bandeira brasileira.

<sup>13</sup> Uma vez que o *meme* de internet surge a partir da natureza colaborativa da *web*, levantamos a questão sobre a inviabilidade de se clamar propriedade sobre um *meme*. Dessa forma, a razão e suas implicações sociológicas e filosóficas por trás da primeira guerra meméal deveriam ser objeto de questionamento.

<sup>14</sup> A existência de uma terceira guerra meméal é questionada por usuários do Twitter, que afirmam que a terceira guerra é um desdobramento da segunda guerra meméal, não uma nova guerra. Para alguns, a terceira guerra meméal ocorreu entre Brasil e Portugal na ocasião da Copa do Mundo da Rússia.



Figura 2 – Meme “Lhe falta criatividade!”.

Fonte: [https://twitter.com/Shawan\\_Carneiro/status/1007640196484096000](https://twitter.com/Shawan_Carneiro/status/1007640196484096000).

Durante a Copa do Mundo, outros embates ocorreram entre o Brasil e outras nações envolvidas no evento esportivo, sobretudo aquelas que enfrentariam o país nos jogos ou aquelas que o Brasil considerava como uma ameaça ao sonho do hexacampeonato.

## A GUERRA DA CONQUISTA AINDA NÃO ACABOU: A IDENTIDADE NACIONAL EM DEBATE



Figura 3 – Meme “Colonização”.

Fonte: <https://twitter.com/Imjcruels/status/1007401182309076993>.

Há diversos aspectos que precisam ser considerados para que se compreenda como as guerras memeais entre Brasil e Portugal podem levar ao entendimento da construção da identidade nacional brasileira, o primeiro deles se refere à carga ideológica que os textos, na sua acepção mais ampla, dos brasileiros e portugueses carregam. Para Bakhtin [Volochinov] (2012, p. 117-118),

[...] a palavra é o fenômeno ideológico por excelência. [...] A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. [...] O valor exemplar, a representatividade da palavra como fenômeno ideológico e a excepcional nitidez de sua estrutura semiótica já deveriam nos fornecer razões suficientes para colocarmos a palavra em primeiro plano no estudo das ideologias. É, precisamente, na palavra que melhor se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação semiótica.

Depois de estabelecido que as palavras – e os *memes*, muitas vezes, são compostos também por palavras, portanto carregam ideologias – são ideológicas, pode-se analisar o primeiro *meme* sob a ótica da ideologia com a seguinte asserção de Kujawski (2005, p. 11): “A identidade nacional é compulsiva, absorvente, irresistível e irrenunciável”. Mesmo para um povo como o brasileiro, conhecido pelas ondas de imigração, a identidade nacional não é algo que possa ser trocado ou descartado de acordo com o desejo de seu povo.

No Brasil, por causa do forte sentimento de descontentamento e, na maioria das vezes, de endeusamento da cultura alheia, principalmente dos países norte-americanos, como Canadá e Estados Unidos, e do continente Europeu, além de alguns países asiáticos, como o Japão e a Coreia do Sul,<sup>15</sup> é comum acreditar que o brasileiro não tem identidade nacional ou que a despreza, e tal comportamento recebe o nome de “síndrome de vira-lata”.

Entretanto, em algumas ocasiões, como Copa do Mundo, além de outros eventos esportivos, e nas guerras memeais, o brasileiro costuma manifestar seu orgulho em pertencer ao país, exaltando sua identidade nacional. Para Kujawski (2005, p. 11), “a identidade nacional nasce com a integração do povo consigo mesmo. Não é objeto de opção ou escolha, representando, pelo contrário, a vocação compulsiva de um povo, seu destino histórico”.

No caso das guerras contra Portugal, muitos dos *memes* utilizados, ainda que retirados de produtos culturais estrangeiros, enaltecem o Brasil e a cultura

15 Em 2014, viralizou a notícia de um brasileiro que fez diversas plásticas para se parecer com um sul-coreano. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/tabloide/ultimas-noticias/tabloideanas/2014/06/02/brasileiro-faz-cirurgias-plasticas-para-ficar-com-aparencia-asiatica.htm>. Acesso em: ago. 2017.

brasileira, buscando diminuir o oponente e, de certa forma, a sua cultura. Entretanto, a maioria dos *memes* tecem comparações entre as diferenças culturais, criando uma situação de oposição entre o “nós” e o “eles”. Acerca da relação entre as diferenças e a identidade, Silva (2006, p. 75) assinala que

[...] a identidade, tal qual a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e linguística – está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquia; elas são disputadas. [...] A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas.

Os *memes* apresentados a seguir traçam a questão das diferenças entre Brasil e Portugal, mesmo na igualdade, como o caso da língua oficial compartilhada por ambos os países.



Figura 4 – “Quem nasceu pra ser...”.

Fonte: <https://twitter.com/consttry/status/1007475999951421441>.

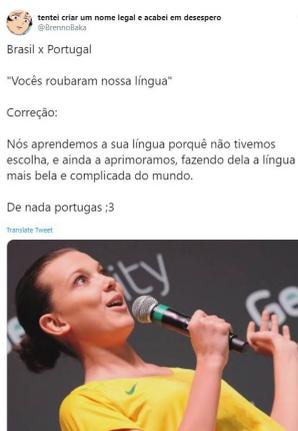


Figura 5 – Meme “Vocês roubaram nossa língua”.

Fonte: <https://twitter.com/BrennoBaka/status/1007452396128276480>.

Durante a guerra memeal, os brasileiros deixaram claro que o fato de ser um país lusófono gerava insatisfação. Ao mesmo tempo, exaltavam o nosso português, considerando-o superior ao português de Portugal. As comparações tecidas sempre colocavam o Brasil num patamar superior ao país responsável por sua colonização; as heranças desse processo de colonização foram ora rechaçadas, ora exaltadas.

A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações. As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade. Isto é, as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados (SILVA, 2006, p. 75).

Outro aspecto a ser analisado são as relações estabelecidas entre os *memes* publicados e outros textos de forma dialógica, contribuindo para a afirmação da identidade nacional.



Figura 6 – Meme “Gretchen – Meninas malvadas”.

Fonte: <https://twitter.com/fbiaziero/status/1007436808395874304/photo/1>.

O *meme* no qual o Brasil figura como um apresentador diante de um público que o encara, Portugal, faz referência ao filme norte-americano *Meninas malvadas*, de 2004, dirigido por Mark Waters. Na cena, a professora de matemática do Colégio North Shore solicita que todas as garotas façam uma fila e peçam desculpas por atos cometidos umas contra as outras. Gretchen

Wieners, no entanto, utiliza o tempo e espaço concedido para afirmar que “não pode evitar ser tão popular”.

A cena foi revisitada em diversas outras ocasiões, tornando-se um *meme* muito utilizado pelo Brasil em guerras memeais. Nesse caso, troca-se a bandeira que representa o público que assiste ao discurso do Brasil.

Sobre o dialogismo estabelecido nesse *meme*, conforme Bakhtin (1997, p. 414),

[...] não há uma palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico (este se perde num passado ilimitado e num futuro ilimitado). [...] Não há nada morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento.

Isso está em consonância com o que Dennett (1990, p. 129-130, tradução nossa) pontua:

O destino dos *memes* depende das forças seletivas que agem diretamente nos veículos físicos que os incorporam; um *meme* existente poderia reaparecer independentemente – assim como os genes de dinossauro poderiam, a princípio, se unificar novamente num futuro distante para criar novos dinossauros. Esses dinossauros não seriam descendentes dos dinossauros originais, ou pelo menos não mais diretamente do que nós. Essas segundas vindas de *memes* também não seriam cópias de seus predecessores, mas reinvenções.<sup>16</sup>

Por fim, quando as diferenças não foram vistas como boas o suficiente para colocar o Brasil num patamar superior a Portugal, os brasileiros se viram resgatando um passado histórico anterior à colonização para estabelecer uma relação de superioridade. Hall (2005, p. 56) afirma que “as culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele ‘tempo perdido’, quando a nação era ‘grande’; são tentadas a restaurar as identidades passadas”.

No decorrer do conflito entre os países, o Brasil se volta a esse “tempo perdido” com a menção das riquezas naturais roubadas pelos portugueses

<sup>16</sup> “The fate of memes depends on the selective forces that act directly on the physical vehicles that embody them; an existent meme might make a subsequent independent reappearance- just as dinosaur genes could, in principle, get together again in some distant future to create and inhabit new dinosaurs. These dinosaurs would not be descendants of the original dinosaurs-or at least not any more directly than we are. Such second comings of memes would also not be copies of their predecessors, but reinventions.”

durante o período da colonização. Em diversas ocasiões, foi assinalado que os portugueses, além de “roubarem o nosso ouro e o nosso pau-brasil, queriam agora roubar os nossos *memes*”. A asserção foi respondida de forma considerada desrespeitosa<sup>17</sup> pelos brasileiros e, em algumas ocasiões, de forma racista e xenofóbica.



Figura 7 – Meme “Caminho das Índias”.

Fonte: <https://www.buzzfeed.com/br/ramosaline/portugal-foi-atropelado-pelo-brasil-guerra-memeal>.

O *meme* da Figura 7 foi uma das várias tentativas do Brasil de demarcar as diferenças entre brasileiros e portugueses, assinalando a superioridade brasileira com uma referência não apenas ao contexto histórico do nosso mito fundador, mas com uma referência às novelas brasileiras, conhecidas por sua qualidade e por serem exportadas para diversos países. *Caminho das Índias*, novela assinada por Glória Perez, foi ao ar em 2009, sendo exportada para mais de 90 países, incluindo Portugal. No mesmo ano, a novela ganhou o prêmio de melhor telenovela no Emmy Internacional.

## PARA FINALIZAR...

Com base nos elementos aqui esboçados, pode-se assinalar que um conflito entre países na internet pode levar à compreensão de como as identidades

<sup>17</sup> Por compreender *memes* e tuítes que contêm palavrões, optou-se por não incluir as figuras no escopo deste artigo, deixando apenas o endereço eletrônico disponível para consulta. Disponível em: <https://twitter.com/oldmai/status/742536685066563584>. Acesso em: jan. 2020.

nacionais são construídas e como a diferença atribui poder àquele que demarca semelhanças e diferenças. Nesse quadro, o *meme* emerge como um produto que nos possibilita estudar e entender como a história e os mitos fundadores dos países envolvidos podem afetar não apenas as suas relações dentro das redes sociais e do ambiente *web*, mas também a percepção da própria história desses países.

Entender que o *meme* é um reflexo da cultura local e global em constante mutação é entender que a cultura não está presa num ponto fixo no tempo-espço e que, além de um produto do entretenimento, o *meme* é uma ferramenta utilizada para convencer e manipular, como assinalado nas considerações iniciais deste trabalho.

As guerras memeais do Brasil contra Portugal oferecem possibilidades de análises sociológicas e discursivas que podem unir mais do que os conceitos acerca da identidade nacional. Por ora, no entanto, cabe dizer que os *memes* publicados durante a guerra memeeal entre os dois países revelam mais sobre as suas culturas e suas referências culturais do que a comum ideia do *meme* pode levar a crer.

## Brasil versus Portugal: a reflection on the Brazilian identity in the great meme wars

### Abstract

To some extent, wars are responsible for shaping and modifying national culture and some wars are caused by the perceived notion of a threat directed to the values those cultures uphold. In the 21<sup>st</sup> century, such conflicts also began to take place in the internet, especially on social media, with the widespread use of memes. In 2016, Brazil and Portugal faced each other in the first world-meme war. This paper, based on Jeffrey Lesser and Stuart Hall cultural studies, discusses how the memes spread in the meme wars between Brazil and Portugal can contribute to an analysis of how the Brazilian national identity is shaped.

### Keywords

Memes. World meme war. National identity.

## REFERÊNCIAS

- #MUSEUdeMEMES. Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/>. Acesso em: 17 abr. 2017.
- AS GUERRAS da conquista. Direção: Luiz Bolognesi. In: *GUERRAS do Brasil.doc*. Produção: Canal Curta!, 2018. 5 episódios (26 min). Disponível em: [https://canalcurta.tv.br/filme/?name=as\\_guerras\\_da\\_conquista](https://canalcurta.tv.br/filme/?name=as_guerras_da_conquista). Acesso em: 17 jan. 2020.
- ATAQUE dos Estados Unidos mata chefe da Guarda Revolucionária do Irã no Iraque. *O Estado de S. Paulo*, 2 jan. 2020. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/oriente-medio,chefe-da-guarda-revolucionaria-do-ira-e-morto-no-iraque,70003142190>. Acesso em: 17 jan. 2020.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. [VOLOCHINOV]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2012.
- BRUM, E. Belo Monte: a anatomia de um etnocídio. *El País Brasil*, 1º dez. 2014, Opinião. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/01/opinion/1417437633\\_930086.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/01/opinion/1417437633_930086.html). Acesso em: 17 jan. 2020.
- CABO Daciolo questiona Ciro Gomes sobre Foro de São Paulo e URSAL. [S.l.: S.n.], 2018. 1 vídeo (2 min e 30 seg.). Publicado pelo canal Band Jornalismo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7ANqSdWvTlo>. Acesso em: 17 nov. 2018.
- CARVALHO, M. A. 75% das vítimas de homicídio no País são negras, aponta Atlas da Violência. *O Estado de S. Paulo*, 5 jun. 2019, Brasil. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,75-das-vitimas-de-homicidio-no-pais-sao-negras-apon-ta-atlas-da-violencia,70002856665>. Acesso em: 17 jan. 2020.
- COLONIZADO. [S. l.: S. n.], 2016. 1 vídeo (4min36seg). Publicado pelo canal Porta dos Fundos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ViBcsGdYDM>. Acesso em: 17 jan. 2020.
- DAWKINS, R. *O gene egoísta*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- DENNETT, D. *Memes and the exploitation of imagination. The Journal of Aesthetics and Art Criticism*, New York, v. 48, n. 2, p. 127-135, 1990.
- DENNETT, D. *Consciousness Explained*. New York: Back Bay Books, 1991.
- DESCOBRIMENTO. [S. l.: S. n.], 2016. 1 vídeo (3 min e 41 seg). Publicado pelo canal Porta dos Fundos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S9UTFKPyTMs>. Acesso em: 17 jan. 2020.
- ESCRavidÃO. [S. l.: S. n.], 2018. 1 vídeo (3 min e 5 seg). Publicado pelo canal Porta dos Fundos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SSsEgDLsSrK>. Acesso em: 17 jan. 2020.

FAKE news marcaram as eleições de 2018; relembre as 10 mais emblemáticas. IG, 29 out. 2018, Último Segundo. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2018-10-29/10-fake-news-das-eleicoes.html>. Acesso em: 17 jan. 2020.

HALL, S. *A identidade cultural da pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOW CULTURAL EVOLUTION WORKS. Daniel Dennett: Memes 101 [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (7 min). Publicado pelo canal Big Think. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=5fG-3f4f0hA>. Acesso em: 17 jun. 2019.

JENKINS, H. *Cultura da convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KEMP, S. The Global State of Digital in October 2019. We are Social, 2019, Blog. Disponível em: <https://wearesocial.com/blog/2019/10/the-global-state-of-digital-in-october-2019>. Acesso em: 17 nov. 2019.

KUJAWSKI, G. Identidade nacional. In: KUJAWSKI, G. *A identidade nacional e outros ensaios: somos muitos, somos um?* São Paulo: Editora Funpec, 2005. p. 10-15.

LESSER, J. *A invenção da brasilidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

SHIFMAN, L. *Memes in digital culture*. Cambridge: The MIT Press, 2014.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 73-102.

TWITTER. Primeira guerra meméal Brasil x Portugal: #PrimeiraGuerraMemeal. Disponível em: [https://twitter.com/search?q=primeira%20guerra%20memeal&src=typed\\_query](https://twitter.com/search?q=primeira%20guerra%20memeal&src=typed_query). Acesso em: 15 nov. 2017.

TWITTER. Guerra meméal Brasil x Portugal: #BRXPT. Disponível em: [https://twitter.com/search?q=brxpt&src=typed\\_query](https://twitter.com/search?q=brxpt&src=typed_query). Acesso em: 15 nov. 2017.

TWITTER. Perfil de Maira. Disponível em: <https://twitter.com/oIdmai/status/742536685066563584>. Acesso em: 15 jan. 2020.